

a.obra.nasce

revista.de.arquitetura.e.urbanismo.da.universidade.fernando.pessoa

3







ficha técnica

Título | Serial title

A OBRA NASCE
revista de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Fernando Pessoa
nº13, dezembro de 2018

Edição | Publisher

publicações Universidade Fernando Pessoa
Praça 9 de Abril, 349 | 4249-004 Porto
Tlf. +351 225 071 300 | Fax. +351 225 508 269
publicacoes@ufp.pt | www.ufp.pt

Conselho Editorial | Editorial

Editor-in-Chief:

Luis Pinto de Faria (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)

co-Editor:

Cerveira Pinto (Mestre Assistente na Universidade Fernando Pessoa)

co-Editor:

Rui Leandro Maia (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)

Comissão Científica | Scientific Advisory Board

Antonella Violano (Facoltà di Architettura "Luigi Vanvitelli"
della Seconda Università degli Studi di Napoli)

Avelino Oliveira (Professor Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)

Clovis Ultramari (Professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná)

Conceição Melo (Mestre em Projecto e Planeamento
do Ambiente Urbano FAUP/FEUP)

João Castro Ferreira (Professor Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)

Luís Pinto de Faria (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)

Miguel Branco Teixeira (Professor Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)

Paulo Castro Seixas (Professor Associado no ISCSP - Universidade de Lisboa)

Rui Leandro Maia (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)

Sandra Treija (Vice-Dean of the Faculty of Architecture
and Urban Planning of Riga Technical University)

Sara Sucena (Professora Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)

Teresa Cáliz (Professora Auxiliar na Faculdade de
Arquitetura da Universidade do Porto)

Design

Oficina Gráfica da Universidade Fernando Pessoa

ISSN

2183-427X

Reservados todos os direitos. Toda a reprodução ou transmissão, por qualquer forma, seja esta mecânica, electrónica, fotocópia, gravação ou qualquer outra, sem a prévia autorização escrita do autor e editor é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

A Casa do Fundo da Rua Património Construído: Estudos, Defesa e Valorização The “Casa do Fundo da Rua”. Built heritage: Studies, defense and recovery

Ricardo Soares

Mestrando em Arquitectura e Urbanismo, Universidade Fernando Pessoa
ricardojsoares@hotmail.com

RESUMO

A “Casa do Fundo da Rua” pertencente à família Serpa Pinto é um edifício de habitação nobre e o único exemplar de arquitectura barroca na aldeia de Boassas. Este é a peça chave de uma investigação, ainda a decorrer, que tem como principal objectivo analisar as diferentes formas de valorização da casa nobre enquanto património evolutivo-vivo, que com o passar dos tempos, sejam eles históricos ou culturais, tem resistido a diversas transformações responsáveis por uma clara e crescente perda de identidade, fazendo com que existam diferentes modos de apreciação e valorização dos elementos construídos e do próprio contexto onde o objecto se insere ao longo de diferentes períodos. Deste modo, é importante uma compreensão clara e minuciosa dos elementos ligados não só à geografia, arquitectura, heráldica e cultura, mas também à própria genealogia, resultando numa profunda análise que certamente contribuirá para um desenvolvimento sustentável da aldeia de Boassas, da região e manutenção da memória da família da casa.

Palavras-chave

Património construído; Arquitectura, defesa e valorização; Serpa Pinto; Casa do fundo da rua.

ABSTRACT

Casa do Fundo da Rua belongs to Serpa Pinto family. It is a noble house building and the only type of baroque architecture in the village of Boassas. It is a key piece of an investigation, which is still ongoing, with the main objective to analyse the different ways of valuation and appreciation of the noble house evolutive patrimony. Along the times, the house has endured many transformations, which are accountable for an evident loss of its identity. This has contributed to the emergence of different modes of valuation and appreciation of the elements built and the context where the object is inserted over different periods. Thus, it is important to establish an evident and thorough understanding of the building elements, related with not only geography, architecture, heraldry and culture, but also related to its genealogy. This broad analysis will certainly contribute to a sustainable development of Boassas village, the region and to the conservation of Serpa Pinto family remembrance.

Keywords

Built heritage; Architecture, protection and appreciation; Serpa Pinto; Casa do fundo da rua.

A CASA

A “Casa” deve ser tida como símbolo da relação entre a história, a memória e a identidade, no entanto, quando abordamos estes três elementos assumimos que esta terá certamente um significado contínuo, pois muitas das vezes, acabamos por confundir as cinzas de um passado com a chama de um futuro globalizado, quase como que se a história, a memória e a identidade fossem a viagem que fazemos na estrada que retrata uma época.

Contudo, não deverá a história, a memória e a identidade ser como a “Casa”?

A casa não tem o carácter de uma estrada, porque absorve marcas do tempo, as memórias, as vivências, os valores paisagísticos da sua envolvente, o sol, a chuva e as emoções. Absorve as imagens, mobiliário, utensílios, cheiros, sensações, sem esquecer a forma como a mesma é capaz de alterar o modo como percecionamos o “mundo exterior” a partir das suas janelas marcadas por uma quadrícula que o organiza. A casa tem o poder de transformar o habitante e permite preservar uma identidade individual ou colectiva através da memória.

“*A Arquitectura é o único meio de que dispomos para conservar vivo um laço com o passado ao qual devemos a nossa identidade, e que é parte do nosso ser*” citava a certa altura a historiadora francesa Françoise Choay o autor de *As pedras de Veneza* no seu livro *Alegoria do Património* (Choay, 1999, p.121). Esse laço com o passado e a história pode ser visto como uma memória colectiva, que foi sendo passada ao longo dos tempos às diferentes gerações que compõem uma comunidade e essa memória colectiva é responsável por garantir a preservação da identidade de um grupo, região ou nação. É certamente um erro assumir que a memória é estritamente individual porque as nossas raízes, religião, princípios, gastronomia, técnicas, vivências e sem nunca esquecer a arquitectura estão na grande maioria das vezes ligadas aquilo que é a nossa história, memória e identidade.

E mesmo num mundo cada vez mais global, onde as pessoas estão cada vez mais próximas através dos diversos meios tecnológicos, há uma história, há uma me-

mória e há uma identidade que ainda diferencia as mais diversas culturas.

Dizia John Ruskin “*Podemos viver sem a arquitectura, adorar o nosso deus sem ela, mas sem ela não podemos recordar*” (Ruskin, 1989, p.147). A Casa constitui uma presença viva do passado no presente e certamente, essa presença viva manter-se-á também no futuro.

A casa tal como o ser humano adquire uma reminiscente identidade. É necessário pensar que o ser humano tem como uma das suas principais ambições a busca pela compreensão da história, da memória e da identidade, sendo a casa a caverna dos tempos modernos e o refúgio dos pensamentos.

É necessário olhar a casa com humildade. A humildade reflete o nosso bom senso, é vista como uma virtude, e permite que as pessoas se avaliem a elas mesmas em relação aos outros, é sinónimo de respeito e honestidade.

É urgente que exista humildade para uma profunda compreensão da história, memória e identidade, pois a casa deve ser valorizada das mais diversas formas enquanto património evolutivo-vivo, pertencendo a diversos períodos históricos e culturais. Foram estes períodos responsáveis por influenciar o modo como intervimos, valorizamos e salvaguardamos o património tangível e intangível.

OS PINTOS

Segundo o conde D. Pedro a família dos Pintos é uma das mais antigas de Portugal descendendo de D. Egas Mendes de Gondar, um dos mais valorosos capitães da sua época e companheiro de armas do rei D. Afonso Henriques.

No seu brasão as armas dos Pintos são:

“*De prata com cinco crescentes de vermelho, postos em sautar. Timbre: um leopardo de prata, armado e lampassado de vermelho com um crescente do mesmo na espádua.*” (Cerveira-Pinto, 2008, p.31).



Figura 1. Brasão. Fonte: Rezende, J.; Rezende, M. (1988). *Famílias Nobres nos concelhos de Cinfães, Ferreiros e Tendais nos Sécs. XVI, XVII e XVIII*. Porto.

A CASA DO FUNDO DA RUA



Figura 2. Alçado Sul, Casa do Fundo da Rua. Fotografia de Cerveira Pinto.

A “Casa do Fundo da Rua”, ou “Casa do Fundo de Vila”, pertenceu à família dos Serpas, que teve origem em António Rodrigues de Oliveira e Serpa, conhecido como “O Velho”, fi-

dalgo da casa real e camarista de el-rei D. Sebastião. Fruto do casamento entre António Rodrigues de Oliveira e Serpa e D. Luísa Delgada, nasceu D. Mariana de Serpa da Casa de Castro Cio em Ferreiros de Tendais.

D. Mariana casou com Manuel Pinto da Costa, senhor da Torre de Chã e como resultado do casamento nasceu o Sargento-Mor do concelho de Ferreiros de Tendais António de Serpa Pinto, que terá mandado edificar a Casa do Fundo da Rua, no final do século XVIII.

Este edifício senhorial está directamente relacionado com a família dos Pintos de Riba-Bestança e nele viveram Alexandre Alberto de Serpa Pinto e Joaquina Antónia da Silveira Lacerda Pinto, avós maternos do grande explorador de terras africanas Alexandre Alberto da Rocha de Serpa Pinto, filho do Dr. José da Rocha Miranda de Figueiredo e de D. Carlota Cacilda de Serpa Pinto.

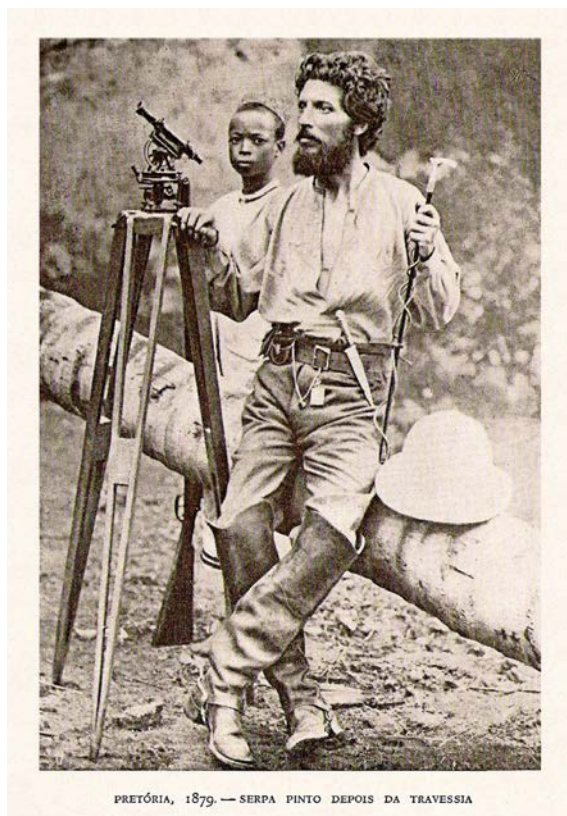


Figura 3. Pretória, 1879. Serpa Pinto depois da travessia. Fonte: SERPA PINTO, Carlota de. (1937). *A Vida Breve e Ardente de Serpa Pinto*. Agência Geral das Colónias, Lisboa.

A família, em alguns dos manuscritos que resistiram ao tempo, nomeadamente "*A História da Família Serpa Pinto*" refere-se à Casa do Fundo da Rua como a Casa de Boassas. É aqui sentido que o edifício é visto como a casa sede, estabelecimento e membro da família, tendo este carácter familiar, de berço, de abrigo, sendo uma referência histórica e patrimonial ligada à história dos Pintos.

No norte de Portugal, na freguesia de Oliveira do Douro, concelho de Cinfães, distrito de Viseu, localiza-se a Aldeia de Boassas na margem esquerda do Rio Douro e nas proximidades do Rio Bestança e das aldeias de Pias, Lodeiro e Porto Antigo.

A aldeia fazia outrora parte do extinto concelho de Ferreiros de Tendais que era realengo, mas pelos serviços prestados à coroa foi doado à Família dos Pintos que tinha sede na Torre de Chã.

A Casa do Fundo da Rua encontra-se localizada na parte baixa do núcleo principal da aldeia de Boassas, sendo também designada por "Casa de Fundo de Vila", como antes dito.

A casa possui vastos terrenos de cultivo e jardins, bem como um miradouro de onde se desfruta a paisagem sobre a zona da Pala, a albufeira do Carrapatelo e o vale do Rio Bestança.

O nobre edifício setecentista faz parte de um conjunto que compõe toda a aldeia, rica em património edificado de um grande valor arquitectónico, cultural e histórico e assume uma posição preponderante, na relação com os enfiamentos visuais, com a exposição solar e com o próprio micro-clima que abraça a aldeia, mantendo ainda relação com os rios que demarcam aquela região.

No final do Século XVIII foi construída a Casa do Fundo da Rua. O edifício único exemplar de arquitetura barroca na al-



Figura 4. Alçado Sul, Casa do Fundo da Rua. Fotografia de Ricardo Soares.



Figura 5. Teto da sala principal da Casa. Fotografia de Ricardo Soares.

deia. Trata-se de uma edificação de grandes proporções e de planta retangular que ainda se mantém relativamente bem conservado, inserido numa quinta composta por casas de caseiro, azenhas e palheiro.

Quanto à sua composição, os elementos em destaque da fachada sul são as molduras em granito nas portas e janelas, sublinhando os cunhais e ainda o caraterístico beiral. Estes elementos reforçam o enorme esforço arquitetónico concentrado na fachada principal.

Um outro elemento de destaque é a escadaria que dá acesso à sala principal que possui um teto em madeira, de forma octogonal, ornamentado, em cujo centro se encontra esculpido o brasão de Serpa, Costa, Pinto e Brito (Figura 5).

A quinta onde a casa se insere é constituída essencialmente por espaços diferenciados, os quais são marcados por um muro que divide a zona “pública”, onde se encontra a Cape-

la, à qual era permitido o acesso a população da aldeia, e a “zona privada” que possui os terrenos de cultivo e também alguns vestígios dos jardins e do seu antigo esplendor (na fachada norte), zona esta que era reservada aos proprietários e convidados da casa.

A vegetação no alçado sul é outro elemento essencial, ligada à arquitetura teatral típica da arte Barroca, e é de salientar as árvores exóticas nomeadamente as duas palmeiras que eram tidas como símbolo de nobreza.

A “zona privada” é ainda caracterizada pelos espaços de lazer, e composta por um miradouro, lagos, pérgolas, bancos e mesas. É importante referir que os enfiamentos visuais são parte integrante da composição, satisfazendo a tendência da arte barroca de prolongar os espaços até ao infinito. Esta zona é uma das partes mais importantes que compõem a casa, pois a vivência do exterior tinha um especial destaque para os seus habitantes.



Figura 6. Palmeira localizada face ao alçado sul da Casa. Fotografia de Lourenço Pereira.



Figura 7. Espaço de lazer e miradouro. Fotografia de Renato Brito.

O elemento arquitetónico de maior destaque na fachada é sua monumental chaminé, estrutura preponderante símbolo de imponência e ostentação, normalmente relacionado proporcionalmente com o tamanho da cozinha.

São de destacar também os três postigos que compõem a fachada, elemento raro e muito dificilmente encontrado nos solares barrocos.

Curiosamente, aqui, a fachada, por oposição dos outros elementos, apresenta-se bastante pobre de elementos característicos, acontecendo o mesmo na fachada norte.



Figura 8. Fachada Este, Casa do Fundo da Rua. Fotografia de Ricardo Soares.

A água é também um elemento presente na casa, com uma organização barroca, composta por um aqueduto, tanque e fonte que cruza os jardins e zonas de estar. A água está diretamente relacionada com a rega dos jardins e atividade agrícola.

Como solar do século XVIII, a casa desenvolve-se horizontalmente, numa planta rectangular e possui os dois pisos característicos. O piso superior destina-se à habitação e é composto pelos quartos, a sala principal, sala de jantar, cozinha.

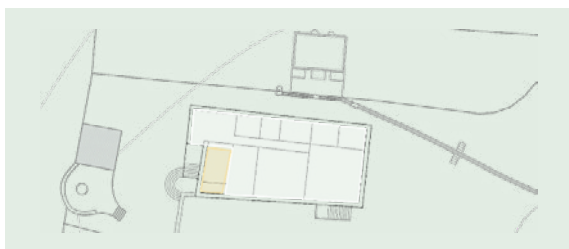


Figura 9. Planta do piso superior da Casa. Desenho do autor.

Já o piso inferior era aproveitado para arrecadações, adegas, cavalariça e celeiro ligado às atividades agrícolas da casa.

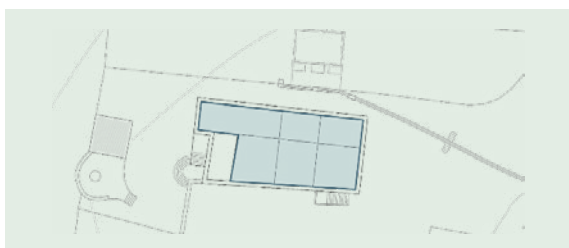


Figura 10. Planta do piso inferior da Casa. Desenho do autor.

A capela encontra-se adossada à casa e destaca-se como o elemento principal do edifício, existindo um acesso ao coro a partir do interior da casa, o qual era utilizado pelos proprietários e convidados.

A CAPELA

O templo integrante da Casa do Fundo-da-Rua é designado por *Capela de Nossa Senhora*. Encontra-se adossado ao edifício principal e contém na sua frontaria o brasão.

Trata-se de uma construção de características barrocas, na sua melhor tradição, em que a profusão ornamental e a textura do granito contrastam com a superfície lisa e austera do reboco caiado.

O trabalho em granito confirma a fama dos antigos pedreiros de Boassas, salientando a cruz localizada ao centro e os dois pináculos que a ladeiam e rematam a frontaria, bem como os cunhais, singularmente tratados como se de colunas coríntias se tratasse, encimadas com motivos fitomórficos.



Figura 11. Capela de Nossa Senhora. Fotografia de Renato Brito.

No interior, bastante despojado se comparado com o exterior, é de salientar o retábulo de talha barroca em madeira à vista e o coro anteriormente referido, que permitia aos donos da casa assistir às celebrações religiosas.



Figura 12. Capela de Nossa Senhora: retábulo de talha barroca. Fotografia de Ricardo Soares.

O BRASÃO

O brasão é o exemplo máximo de cantaria e um elemento escultural, cuja minúcia do trabalho em granito é exemplar. A decoração profusa, delicada e tipicamente barroca encontra-se diretamente relacionada com a composição da fachada da capela, conferindo-lhe uma notável aura de dignidade e imponência.

A sua descrição é a seguinte:

<<Escudo espartilhado de Serpa, Costa, Pinto e Brito. Elmo com grades, tarado de perfil à direita, com paquife e virol e o timbre de Serpa. Granito. Século XVIII. – [V. – D. da Nóbrega]>> [Guimarães, B., 1954].

As características da “Casa do Fundo da Rua” relevam a sua importância patrimonial, tanto pelo significado histórico/cultural, como arquitetónico e alertam para a necessidade da sua preservação e salvaguarda. A sua classificação como Imóvel de Interesse Público surgirá assim como o resultado lógico e incontornável de uma análise mais profunda, con-

tribuindo para uma estratégia de desenvolvimento sustentável da Aldeia e da Região, bem como para a manutenção da memória e identidade do grande explorador Alexandre Alberto de Serpa Pinto e da sua Família.



Figura 13. Brasão. Fotografia de Ricardo Soares.

BIBLIOGRAFIA

Cerveira-Pinto, M. (2008). *Baassas, Uma aldeia com história*. Cinfães, Jornal Miradouro Edições, Lda.

Ruskin, J. (1989). *The seven lamps of architecture*. Nova Iorque, Dover.

Choay, F. (1999). *A Alegoria do Património*. Lisboa, Edições 70.

Guimarães, B. (1954). *Cinfães – Subsídios para uma Monografia do Concelho*. Porto, Junta de Província do Douro Litoral.

Rezende, J.; Rezende, M. (1988). *Famílias Nobres nos concelhos de Cinfães, Ferreiros e Tendais nos Sécs. XVI, XVII e XVIII*. Porto.

Serpa-Pinto, C. (1937). *A Vida Breve e Ardente de Serpa Pinto*. Lisboa, Agência Geral das Colónias.